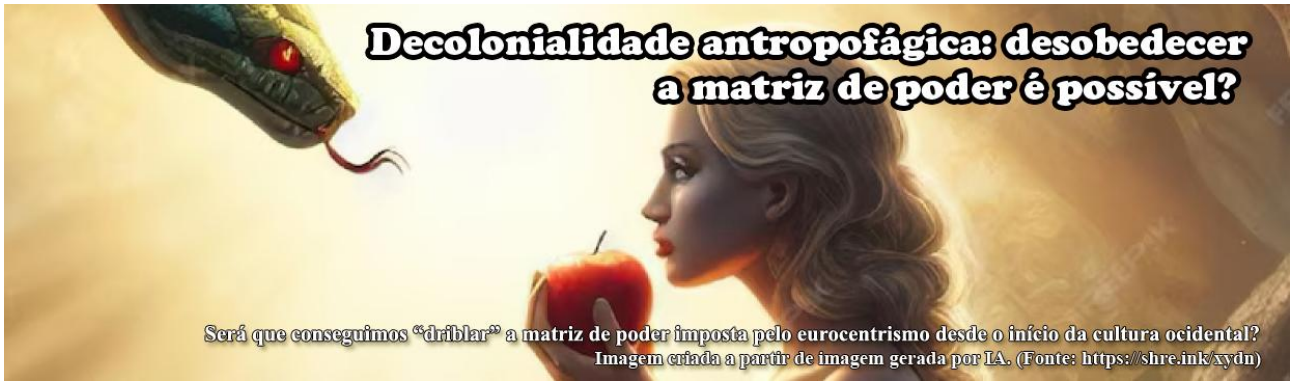

Trilhando Caminhos: Um Retrato da Minha Jornada na Formação Docente

Valdemir Ribeiro Farias[1]

Vale ressaltar que a palavra memorial vem do Latins Memoriale e significa momentos, fatos memoráveis, que precisa ser lembrado e tem um caráter cientifico conforme afirma Carrilho (1997). Nascido em dez de novembro de mil e novecentos de sete e sete na cidade de Marabá-PA, sendo que esta cidade considerada a quarta mais populosa do Estado do Pará, segundo o senso do IBGE-(2020), com sua grande miscigenação de pessoas e culturas conhecida como a capital do Carajás, Terra da Castanha, fundada em dezoito de março de mil oitocentos de nove e emancipada em vinte e sete de fevereiro de mil e novecentos e treze. Inicie minha trajeto de escolarização ainda nesse cidade em uma escola municipal, costumava chegar na escola ainda escuro, pois meu pai acordada cedo pra ir trabalhar na construção civil e eu já estava pronto pra estudar e acompanhava ele e ficava no portão da escola aguardando o dia amanhecer, por diversas vezes o vigia me convidava pra entrar, pois era perigoso eu ficar sozinha fora, pois no início dos anos oitenta tinha muita violência em virtude do garimpo da Serra Pelada que atraia pessoas de várias lugares e a cidade era o ponto de apoio pra muita gente.

Em toda a minha trajetória de escolarização não imaginava que me tornaria professor, hoje estou há 27 anos na docência, ao longo desses período já contribuí educacionalmente na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Especial, Coordenação Pedagógica, Gestão Escolar, Ensino Médio, Ensino Técnico, Educação de Jovens e Adultos, Ensino Superior e iniciei a minha trajetória na educação em 1996 quando eu tinha só o Magistério. Na minha cidade as opções eram poucas ou

[1] Artigo publicado na Revista da UFT-TO- https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/800/676

trabalhávamos no corte de cana em uma indústria que iniciou as atividades agrícolas nos anos 80, ou ia pra São Paulo trabalhar na construção civil. No entanto não tinha outra opção mesmo cansado de trabalhar no corte de cana desde a minha adolescência pois, não podia ir pra São Paulo e deixar minha mãe preferi ficar e enfrentar a dureza do corte de cana. Foi então que, nas aulas do magistério nos anos 90, uma professora de matemática me inspirou a me enveredar na docência, desse modo ela me convidava para substituir ela nas aulas de matemática do sexto e sétimo ano em uma escola municipal, aí comecei a perceber que seria mais viável para mim, pois a labuta do corte, plantio ou em outras atividades agrícolas na de cana era dureza e recebia muito pouco e quando recebia. No entanto não imaginava que ao logo da minha existência me tornaria professor.

Ainda nesse período que fazia o magistério, minha querida mãe foi diagnosticada de CA, e foi necessário ir pra Goiânia-GO, para fazer o tratamento, sendo filho único não tinha outra pessoa pra acompanhar visto que meu pai estava trabalhando em Macapá-AP. Surgiu um novo desafio em Goiânia nós não tínhamos nenhum parente, aí fique em uma situação difícil e, pra complicar mais ainda o único dinheiro que eu tinha foi tomado por ladrões e fique em uma situação mais difícil. Visto que no hospital não aceitava acompanhante aí fique dois meses morando na rua e todos os dias ia visitar minha mãe no hospital. Mas o sonho de finalizar o Magistério era grande, durante esses dois meses passei muita fome. Pra tentar amenizar pedi comida e na maioria das vezes não conseguia e, a única opção seria procurar nos latões de lixo dos supermercados para tentar encontrar alguma coisa para aliviar a fome, assim fique os dois meses até conseguir retornar pra minha cidade e finalizar o Magistério. Após toda essa luta e perda da minha mãe precisei arrumar forças pra seguir em frente.

Finalizei o Magistério na metade dos anos 90 e devido as experiências de substituição iniciei de fato a minha a docência em uma escola da zona rural do Município de Ribamar Fiquene, no estado do Maranhão, no “Povoado Jabuti”, na Escola Municipal Novo Mundo, onde eu trabalhei com turmas multisseriadas, no período de 1996 a 2000.

E uma referência foi uma professora do magistério, que me deixo marcar positivas, pois nunca imagina que eu iria enveredar na docência, pois:

> As lembranças de professores que deixam marcas na vida de outros professores podem estar ligadas a dois sentidos: há os que possuem características desejáveis, modelos a serem seguidos e imitados, e há aqueles cujos exemplos devem ser evitados (LEÃO, 2003; VARGAS; ANTUNES, 2007).

Nesse período de cinco anos foi um desafio gigante para mim, pois a escola era localizada na zona rural do município e tinha um difícil acesso e eu pra ministrar as aula nos dois períodos tinha que

sair de casa todos os dias as quatro horas da manhã, enfrentando poeira no verão, hora enfrentando lama no inverno e, ainda tinha que atravessar um rio chamado pela comunidade de “Rio lajeado”, que no período de cheia eu tinha que atravessar nadando e tinha que colocar as roupas em um saco plástico para não molhar. Mas me espelhava naquela professora do magistério me motivava e que eu admirava a forma como ela conduzia a aula. E que ainda hoje mesmo aposentada ela continua com sua maestria.

Quando chegava na escola ainda tinha um desafio, fazer a acolhida dos alunos e ir ao rio buscar água para abastecer os filtro para os alunos beberem e preparar o lanche. Eu tinha que me dividir entre ministrar aula e fazer o lanche dos alunos. O primeiro ano de docência foi um desafio enorme, pois além das condições precária eu precisava me desdobrar devido ter alunos de séries distinta na sala no mesmo horário, sendo necessário dividir a lousa em duas partes e escrever para os que conseguia copiar da lousa e escreve nos cadernos para os demais que não conseguia retira da lousa. E só depois de muita luta que consegui com a Secretaria de Educação uma “mimeógrafo”, era uma tecnologia revolucionária naquele momento tão difícil, principalmente nos momentos das avaliações. Que eu tinha que ditar as perguntas para os alunos que sabia escrever escreve na lousa as questões e ficar as noites escrevendo as avaliações para os alunos que não sabia escrever ainda em folha com pauta as luz de vela (lamparina).

Era tempos difíceis. Mas foi a cada desafios desses que me foi moldando e me tornando professor a cada dia e, a cada criança que aprendia a ler, escrever contar e interpretar era uma alegria que eu sentia e me despertava cada vez mais o desejo de aprender a ser professor a cada dia mais. Foram momentos desafiadores mais fui percebendo que ser professor seria uma construção permanente e com uma parceria com a família. E fui percebendo que praticamente todas as famílias eram analfabetas e que muitos dos pais rasgavam os cadernos dos alunos para fazer “cigarros”, e as atividade de casa fica perdidas por mais que orientassem as famílias não consegui êxito. Foi então que busquei parceria com uma instituição religiosa para alfabetizar os pais e jovens daquela comunidade ai o desafio foi maior ainda, pois não havia eletricidade na comunidade, aí pra ministrar aulas pra os jovens e adultos da comunidade era preciso usar velas, lamparinas mas a fumaça incomodada muito.

Foi então que procurei novamente a secretaria para nos ajudar e aí conseguimos Lampião a gás para iluminar, foi uma alegria de todos pois agora o progresso tinha chegado e todos poderiam agora estudar mais tranquilo. Assim continuamos a nossa lida diária para aprendermos juntos e, no final do ano todos já estavam lendo e escrevendo os seus respectivos nomes, pois a maioria dos jovens e adultos não sabia fazer o nome e nem documentos tinham, foi uma alegria de todos poder aprender a ler e ser mais independentes, logos todos que não tinha documentos passaram a retirar todos os

seus documentos pessoais e durante esses cinco aos foi um período de muito aprendizado para mim enquanto professor leigo, findando os cinco anos me mudei em 2001 pra cidade vizinha (Campestre do Maranhão-MA).

No período de 2001 a 2005, trabalhei no Município de Campestre, no Estado do Maranhão-MA, atuando no Ensino Fundamental, Gestão Escolar e no Ensino Médio. Já com um pouco de experiência das turma de multisseriadas tive a oportunidade com turmas de do sexto aos nono ano e Ensino Médio, com várias disciplinas: História, Geografia, Matemática, Ciências, Filosofia, Sociologia. E fui me consolidando em quanto professor, mas como era sempre contrato era um desafio conseguir novo contrato no ano seguinte, foi então que fiz um concurso em 2003 pra Prefeitura Municipal de Tocantinópolis-TO, passei e logo fui nomeado para trabalhar com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Walfredo Campos Maia, mas outro desafio me rodeava, tinha que sair de casa quatro horas da manhã e fazer o percurso de bicicleta para chegar na escola as sete horas da manhã. E ainda tinha um Rio Tocantins pra atravessar, tinha que chegar cedinho pra atravessar na balsa na primeira viagem do dia pra não se atrasar.

E em 2003 iniciei a minha primeira licenciatura em Pedagogia e somente em 2006 que conclui a minha primeira graduação em Pedagogia, pela Universidade Regional do Cariri (URCA/CE). Devido essa labuta, resolvi mudar pra Tocantinópolis para o estado do Tocantins-TO. Nesse período tive a oportunidade de ter contato com realidades diversas entre escolas, municipais, estaduais e conveniadas e toda essa experiência foi me consolidado a cada dia mais na docência. Aí fiz um novo concurso para Gestão Escolar no Município de Araguatins-TO, passei e logo fui convocado para ser nomeado ainda em 2007, e comecei a trabalhar no Município de Araguatins-TO, atuando no Ensino Fundamental e exercendo a função de Coordenador Pedagógico, em uma escola rural do município, também um local de difícil acesso e longe da minha residência trabalhava de segunda a sexta e retornava na sexta a tardezinha de moto viajava uma distância de mais de 300k enfrentando chuva, frio e os perigos da estradas. Como estava muito distante da família resolvi fazer um novo concurso. Logo saiu o concurso do estado do Tocantins em 2009, fez e passei e no ano seguinte (2010), fui nomeado e atuei como professor do Atendimento Educacional Especializado-AEE , na Sala de Recurso Multifuncional na Escola Estadual Aldinar Alves de Carvalho município de Araguatins-TO.

Após esse período de formação em 2009, conclui a minha especialização em Docência do Ensino Superior, na Faculdade Monte Negro de Educação-BA. Em 2010, conclui a minha segunda Especialização em Gestão Escolar, pela a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e, em 2011, conclui minha terceira Especialização em Educação Especial, pela Universidade Federal do Ceará

(UFC). Na oportunidade de um novo concurso em uma cidade maior, fiz o concurso em 2012, fui aprovado e nomeado e pedi remoção para Araguaína e desde então trabalho no município de Araguaína e, atualmente, sou professor efetivo vinculado à Secretaria Municipal de Araguaína. Exercendo também a função de professor no Ensino Fundamental, no Atendimento Educacional Especializado, como Coordenador Pedagógico, até assumir a função de Professor Filosofia no Colégio Estadual Campos Brasil.

Em 2014, conclui a minha segunda graduação em Filosofia, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E em 2018 iniciei o Mestrado Profissional em Filosofia-PROFFILO, na Universidade Federal do Tocantins-UFT (Campus de Palmas), um mestrado em rede com sede na Universidade Federal do Paraná-UFPR. Esse percurso acadêmico do mestrado foi um dos marcos divisórios para me aperfeiçoando em quanto professor, pois esse processo formativo e a minha trajetória histórica no campo da educação me fez professor, mas foi ao realizar as pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura em Filosofia (UEMA) e estagiar nas duas escolas, que foi lócus da pesquisa de Mestrado, que percebemos um certo desprezo pela disciplina de Filosofia por parte dos alunos.

Em princípio foram as observações no estágio, depois, os relatórios que tive de fazer, após observar as aulas dos professores. Ficou marcado, naquele momento, que os professores não tinham o hábito de planejar as aulas e tudo seguia no plano da improvisação e sem os cuidados que a disciplina de Filosofia exige para o seu ensino. Pude perceber sempre uma certa resistência dos professores em disponibilizar os seus planos de aula para eu colocar nos meus relatórios e a negativa, talvez fosse, porque não existiam. Os professores, às vezes, diziam: “não fiz ainda”.

Sem o planejamento das aulas, eles entravam em sala e entregavam algumas folhas xerocopiadas aos alunos, exigiam a leitura individual e um resumo do texto. Entendo, hoje, que esse é um planejamento, parco e fragmentado, mas é um planejamento. Os alunos tinham os livros didáticos de Filosofia, utilizados para leitura de determinados capítulos e elaboração de questionário, para entregar ao final da aula. Essa situação foi me deixando intrigado, porém quando propus uma nova forma de ensinar a filosofar, nas minhas aulas do estágio supervisionado no Ensino Médio, levando em conta o conhecimento prévio dos alunos sobre os temas, tecendo uma relação com o cotidiano e partindo desse conhecimento de mundo que eles tinham para apresentar o conteúdo filosófico, comecei a notar a diferença.

> O planejar, no sentido autêntico, é para o professor um caminho de elaboração teórica, de produção de teoria, da sua teoria! É evidente que, num ritual alienado, quando muito, o que pode acontecer é tentar aplicar, ser um simples ‘consumidor’ de ideias/teorias

> elaboradas por terceiros; mas quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma ferramenta de trabalho intelectual. (VASCONCELLOS, 2005, p. 46).

Quando se usa alguns recursos como imagens, revistas, fatos do cotidiano para relacionar com o conteúdo filosófico, propondo uma reflexão sobre aquilo e, ao mesmo tempo, expondo a forma como determinados filósofos pensaram a questão ao longo da História da Filosofia. Por que se pensava assim? Por que se pensa diferente, hoje?

Esta forma de lecionar exige um planejamento estruturado e contextualizado com a realidade dos alunos sem desconsiderar a História da Filosofia. Trabalhando de forma contextualizada e intencional percebe-se os resultados. Os alunos podem ficar mais dispostos a participarem mais das aulas, muitos podem até arriscando mergulhar nas temáticas mais sensíveis e provocativas. Quando faz-se provocações porque irá estudar esse tema, inserindo a situação do cotidiano para que reflete junto sobre a atualidade do assunto. Assim, observe-se que muitos começam a gostar das aulas de Filosofia.

> Vê-se, assim, que para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar condições de usa transmissão e assimilação. Isso implica dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio. Ora, o saber dosado e sequenciado para efeitos de suas transmissão-assimilação no espaço escolar, ao longo de um tempo determinado, é o que nós convencionamos chamar de ‘saber escolar’. (SAVIANI, 2013. p. 17)

Contudo, na época do estágio supervisionado, não consegui propor a construção de uma proposta de planejamento participativo. Apenas pesquisei e apliquei questionários junto aos professores sobre a temática do planejamento das aulas e o problema ficou em suspenso até eu ingressar no Programa de Mestrado profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFT), em 2018.

Evidentemente, percebi, tanto no estágio supervisionado, quanto no período em que fiquei na Coordenação Pedagógica, no Colégio Estadual Campos Brasil, que os alunos desvalorizavam a disciplina de Filosofia devido à falta de planejamento das aulas e de vínculo do conteúdo com a realidade deles. Essa foi a hipótese que lancei no projeto de pesquisa de mestrado. Graças à aprovação do meu projeto e início do curso, pude concretizar as pesquisas sobre essa temática que me intrigou desde o período em que realizava o Estágio Supervisionado, nas mesmas escolas em que estagiei era professor, o Colégio Estadual Campos Brasil e o Centro de Ensino Médio Castelo Branco, ambas localizadas no município de Araguaína – TO.

> Parece haver, entre os professores, uma ideia de que o planejamento é desnecessário e inútil por ser ineficaz e inviável na prática. Isto é, para eles, na ação prática nada acontece do que é planejado. Ele é encarado como algo que existe apenas para satisfazer a burocracia escolar. A ideia geral é de que se faz o planejamento porque é exigido e não porque se sente a necessidade de planejar para se desenvolver uma ação mais organizada, dinâmica e científica. (MAXIMILIANO; MENEGOLLA, 1999, p. 43).

A construção da proposta de planejamento participativo para o componente curricular de Filosofia no Ensino Médio pode contribuir para que os resultados sejam replicados, dado que testamos o planejamento durante as aulas e vimos resultados animadores no que tange à participação dos alunos. O município de Araguaína conta com 17 escolas que ofertam o Ensino Médio. O Ensino de Filosofia pode ser beneficiado com a pesquisa que realizei.

As duas escolas escolhidas para a realização da pesquisa - o Colégio Estadual Campos Brasil, que fica localizado na periferia da cidade, e o Centro de Ensino Médio, que fica localizado no centro da cidade – contam com três professores que ministram aulas de Filosofia no Ensino Médio. Eles não são formados em Filosofia e a problemática já vivenciada no meu Estágio Supervisionado, já mencionada, veio à tona, a saber, a ausência de planejamento das aulas de Filosofia e, quando há, não possuem sistematização. Partimos da hipótese de que a ausência de formação para atuar na disciplina e a falta de planejamento das aulas podem desmotivar os alunos e levar ao desprezo pela disciplina. Da mesma forma, de um ponto de vista teórico, tais problemas levam a pensar que o Ensino de Filosofia pode não contribuir com a formação crítica e emancipatória que se exige dele.

Frente ao exposto, advogamos que o interesse pela Filosofia depende, em grande medida, do sentido que o aluno encontra no seu ensino, devidamente planejado para promover a capacidade de pensar criticamente a sua própria realidade.

Apenas para reforçar o problema de pesquisa, quando atuei na Coordenação Pedagógica, no Colégio Estadual Campos Brasil, percebi essa resistência e dificuldade dos professores em elaborar o planejamento das aulas, já que, dos professores que ministravam a disciplina, apenas eu era formando na área, colocando-me numa posição privilegiada de observador participante acerca das dificuldades enfrentadas por eles para planejar e lecionar os temas filosóficos no Ensino Médio. Constatei, entre eles, também, um desprezo pela disciplina, pois eles estavam complementando a carga horária e, não raras vezes, ouvi dizerem que o planejamento das aulas de Filosofia era uma "perda de tempo" e servia apenas para cumprir a burocracia exigida pela coordenação, coisa para ser arquivada.

Uma vez realizando a pesquisa de mestrado, no Colégio Estadual Campos Brasil, deparei-me com uma professora que tinha formação em Pedagogia e fazia complementação de carga horária com a disciplina de Filosofia e que aceitou fazer parte da pesquisa. Ela ministrava aula no matutino e eu no noturno. No Centro de Ensino Médio Castelo Branco, por sua vez, foram dois professores, um formado em História e o outro em Geografia.

Para a realização da pesquisa, acompanhamos a elaboração do planejamento das aulas desses três professores, ouvindo e discutindo os problemas relacionados ao processo de ensino e aprendizagem na disciplina. Participaram da pesquisa, também, dois coordenadores pedagógicos das respectivas unidades e o assessor de currículo da Diretoria Regional de Educação de Araguaína (DREA). Eles aceitaram participar da pesquisa e os seus nomes foram preservados, sendo mencionados nomes fictícios

Para iniciar a pesquisa, foi aplicado um questionário semiestruturado junto aos professores com as seguintes perguntas: 1). Qual a concepção de planejamento educacional e do Ensino de Filosofia no Brasil e no Tocantins? 2). Qual a importância e função do planejamento Educacional e do Ensino de Filosofia? 3) Como o planejamento do Ensino de Filosofia vem sendo feito nas escolas do Ensino Médio do Tocantins/Regional de Araguaína? 4) Como os segmentos da comunidade escolar tem participado do planejamento do Ensino de Filosofia nas escolas do Ensino Médio do Tocantins/Regional de Araguaína? 5). Existem entraves que dificultam o planejamento do Ensino de Filosofia nas escolas do Ensino Médio do Tocantins/Regional de Araguaína? Quais são eles?

As respostas ajudaram a desvelar a perspectiva teórico-prática acerco do planejamento das aulas do Ensino de Filosofia nas escolas e, conseguimos ter uma dimensão do que pensam os professores sobre esse mesmo problema, no Sistema Estadual de Educação do Tocantins/Regional de Araguaína, sem perder de vista o debate nacional acerca da importância do componente curricular de Filosofia para a formação humana em que se articula a educação, o sujeito e a história.

Os trabalhos de planejamento começaram com uma reunião com todos os envolvidos, buscando explicar os objetivos da pesquisa e a proposta de intervenção nas duas unidades escolares, procurando mediar os debates, perspectivas e preocupações trazidas por eles. Ocorreu um total de quatro encontro no mês de setembro de 2019, sendo que nos reunimos duas vezes no Centro de Ensino Médio Castelo Branco e duas vezes no Colégio Estadual Campos Brasil (embora eu lecione nesse colégio e as intervenções tenham sido mais constantes) para discutir e planejar, buscar alternativas para explorar os recursos disponíveis e estabelecer os critérios de avaliação, bem como estabelecer os prazos de execução.

Todo esse percurso de pesquisa e aprofundamento tanto no mestrado Profissional em Filosofia e com a oportunidade da oferta da Disciplina: Formação Inicial e continuada de natureza optativa ofertada pelo o professor Dr. Ruhena Kelber Abrão do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDA) do Doutorado em Educação na Amazônia-Associação Plena em Rede, ofertada pela renomada Universidade Federal do Tocantins (UFT- Campus de Palmas), puder ter a oportunidade de conhecer e aprender na perspectiva da consolidação da formação docente e, e compreender como ocorre o processo de firmação e a posição da profissão docente, nessa perspectiva do professor reflexível, no ciclo da docência universitária, os principais dilemas da formação do professor no Brasil, sobre a valorização do professor no Brasil, políticas de formação para os professores, formação do professor para a educação tecnológica e a reflexão na pós-graduação, identidade e a formação docentes e as práticas pedagógicas e tecnologias digitais para formação docente. Todo esse debate me proporcionou uma nova forma de perceber, que a formação docente e, ser professor se faz necessário e é um longo caminho de experiência de dedicação para se consolidar como professor e não a figuração de que ser professor se faz por vocação e ou por dom. Mas por esforço, pesquisa dedicação e tudo isso me possibilitou ter uma nova roupagem da forma que eu vejo hoje nessa construção permanente de ser professor.

Em síntese, tudo que foi descrito acima, sobre minha trajetória me fez professor e, a necessidade de se qualificar se faz necessário e, que se tronar professor demanda tempo e dedicação. No entanto não nascemos professores/professoras, nos tronamos com o passar tempo pelo víeis da docência durante os anos de experiências, abrangendo tanto a etapa inicial quanto a continuada.

REFERÊNCIAS

CARRILHO, M.F.et. al. Diretrizes para elaboração do Memorial de Formação. Metodologia do trabalho cientifico. Natal: IFP/URRN,1997. Mímeo.

LEÃO, D. O. Memória e saberes de alfabetizadoras: vozes e letras no cenário da atualidade. Contexto e Educação, Ijuí, v. 18, n. 70, p. 27-46, jul./dez. 2003

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT' ANNA, Ilza Martins. *Por que panejar? Como Planejar?* Ed. 8ª. Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica*: primeiras aproximações. 11ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2013.

VARGAS, J. C.; ANTUNES, H. S. Ciclos de vida dos professores: articulando o eu pessoal e o eu profissional docente. In: CUARTO CONGRESSO NACIONAL Y SEGUNDO

INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EDUCATIVA, 4., 2007, Cipoletti. Anais… Neuquén: Educo, 2007. p. 1-3.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento*: Projeto ensino-aprendizagem e Projeto Político-pedagógico. Ed. 14.ª São Paulo: Libertad, 2005.

Autor:

Valdemir Ribeiro Farias

Mestre em Filosofia 2020- Universidade Federal do Tocantins, UFT, Palmas.Graduação em Pedagogia em 2006, pela Universidade Regional do Cariri-URCA-Crato-CE, Graduação em Filosofia em 2014, pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA- São Luís –MA, Especialização em Informática na Educação-IFMA-2024; Especialização em Docência do Ensino Superior- Faculdade de Educação Montenegro, CEFAM, 2008; Especialização em Docência do Ensino Superior, na Faculdade Monte Negro de Educação-BA-2009. Especialista em Educação Especial 2011-UFC-CE, Especialista em Gestão Escolar 2009-UFT-Palmas,Curso Técnico Informática para Internet-2014- IFTO, Professor de Filosofia, Sociologia/ SEDUC-Tocantins-TO. E Superviso-SEMED.

E-mail: valdemirrf@gmail.com

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5759440820233259